

A identidade sertaneja na literatura regionalista: Euclides, Hugo de Carvalho Ramos e Guimarães Rosa

The “sertanejo” identity in the regional literature: Euclides da Cunha, Hugo de Carvalho Ramos and Guimarães Rosa

Maria Amélia Garcia Alencar*

“o livro, todo o livro, é um meio de transporte para o futuro [...] o livro é um meio de transporte para o futuro que justamente *não nos transporta para o futuro*: [...] o livro transporta-se para o futuro.” (Abel Barros Baptista, *Aubibliografias*. p. 20)

As relações entre história e literatura foram conflitantes durante largo período de tempo. Calíope e Clio estiveram de costas uma para a outra até que foram convencidas de que uma pode ensinar muita coisa à outra. Em nossos dias, os diálogos entre os diversos campos do saber abriram as portas para que as formas de dizer o mundo, sejam da história, sejam da literatura, pudessem se encontrar. Especialmente nas últimas décadas, quando os temas ligados à História Cultural dominam os estudos históricos, a literatura passa a ser tomada como importante fonte de leitura das diversas representações criadas sobre o real – partilhar percepção e conhecimento sobre o mundo é inerente a ambas as formas de produção de cultura. Livres da dicotomia História-verdade/Literatura-ficção, os cruzamentos entre os dois campos se tornaram possíveis. Em que pesem as especificidades de cada campo – metodologias e mesmo objetivos

* Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás. E-mail: mamelialencar@gmail.com

são próprios de cada área– através da literatura o historiador tem acesso a sensibilidades de outra época. No dizer de Sandra Jatahy Pesavento: “...como não recorrer ao texto literário, que poderá dar indícios dos sentimentos, das emoções, das maneiras de falar, dos códigos de conduta partilhados, das gestualidades e das ações sociais de um outro tempo?”¹ E não é apenas a literatura dita “histórica”, com claro recorte espaço-temporal, que nos serve de fonte. O que importa, para o historiador, é a possibilidade que o texto abriga de suscitar problemas, de abrir possibilidades de interpretação e não apenas o seu grau de autenticidade. De qualquer forma, a obra literária deve ser historicizada, ou seja, inserida no movimento da sociedade que lhe deu origem. Seja escrevendo sobre seu próprio tempo, que determina suas escolhas, seja sobre um tempo passado ou mesmo futuro, a obra literária abriga duas temporalidades distintas: a da narrativa – interna à obra – ea do próprio autor no momento em que escreve seu texto, ou seja, reflexo de seu mundo externo, da relação com o público, das conjecturas sobre a recepção da obra. O historiador deve estar atento a essas duas dimensões, situando o autor na problemática do seu tempo e na temporalidade trabalhada na obra literária.

A história da literatura brasileira, desde Antônio Cândido, tem definido a nossa produção literária como “eminentemente empenhada [...] toda voltada, no intuito dos escritores ou na opinião dos críticos, para a construção duma cultura válida no país”.² Neste aspecto, para cientistas sociais em busca dos sentidos da nação, a literatura coloca-se como fonte privilegiada.³

¹ PESAVENTO, Sandra J. (org.) **Leituras cruzadas**: diálogos da História com a Literatura. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2000. pp. 7-8.

² CÂNDIDO, Antônio. **Formação da literatura brasileira**: momentos decisivos. 5ª ed. São Paulo-Belo Horizonte: Ed. da USP-Itatiaia, 1975. p. 18.

³ Uma outra abordagem do problema, a partir de perspectiva bastante diferenciada, é proposta pelo professor de literatura brasileira na Universidade Nova de Lisboa Abel Barros Baptista (**Autobiografias**: solicitação do livro na ficção de Machado de Assis. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 2003). Baptista cria a noção de *solicitação*: procedimento de leitura “que desarticula a exigência de resposta no processo da interrogação crítica: a solicitação é da ordem do nome, do apelo, da interpelação”. Para este autor, as exigências de intencionalidade colocadas ao autor de um romance são impertinentes e o livro pode nos devolver uma não-resposta, o silêncio, que deverão se acolhidos como parte do esclarecimento que se procura.

Não nos alongaremos nos debates intensos sobre a relação entre história e literatura, ademais, já superados nos dois campos de estudos, nem sobre as questões específicas da história da literatura brasileira. Para os objetivos deste trabalho, essas poucas anotações são suficientes.

A literatura regionalista no Brasil abre-se com a prosa da segunda metade do século XIX em que região aparece

[...] como um conceito que apresenta um mundo feito matéria pronta, que enfatiza espaços físicos, usos, costumes, imaginários específicos e regimes interpessoais (exóticos ou não) [...] faz ressaltar, sempre, a perspectiva histórica que embasa os acontecimentos.⁴

Não se pode deixar de mencionar aqui *O Sertanejo*, de José de Alencar, de 1876, que juntamente com *Inocência*, de Alfredo Taunay (1872), marcaram, na literatura brasileira, a transição do indianismo para o sertanismo. No entanto, desde Martins Pena, na primeira metade do século, e pouco mais tarde, com Bernardo Guimarães (*O Ermitão de Muquém*, de 1865), essa transição para o sertanismo já era indicada, como aponta Vicentini (1997).

Com Afonso Arinos, a narrativa regionalista se constitui em corrente literária, com características próprias. Em *Pelo Sertão* (1898), o autor revela com exatidão a vida de tropeiros, campeiros e capatazes do sertão mineiro: “[...] pintando-lhes os hábitos, as abusões, o fundo moral a um tempo ingênuo e violento”.⁵

Fazendo a mediação entre a cultura erudita e a cultura popular, Arinos comandou o movimento de redescoberta do Brasil – o Brasil popular, folclórico, regional.⁶ Este autor abriu

⁴ VICENTINI, Abertina. “Questões regionais: regionalismo literário goiano” Conferência no Seminário Regionalismo e História, UCG, Goiânia, 1999, digit. p. 1. Sobre a narrativa regionalista cf. VICENTINI, A. *O Regionalismo de Hugo de Carvalho Ramos*. Goiânia: Ed. da UFG, 1997.

⁵ BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 33 ed. São Paulo:, Ed. Cultrix, 1994. p. 210.

⁶ Arinos participava da roda de músicos populares da qual faziam parte Donga e Catulo da Paixão Cearense, entre outros, colocando-se em contato com mundos culturais diversos (OLIVEIRA, Lúcia Lippi, “A conquista do espaço: sertão e fronteira no pensamento brasileiro”. *História, Ciências, Saúde; Manguinhos*, Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 1998, vol 5 – suplemento. p.198).

caminho para o movimento nacionalista que se seguiu ao início da Primeira Guerra Mundial e teve sua maior expressão em Monteiro Lobato, com a criação do personagem Jeca Tatu.

O caboclo de Lobato apareceu pela primeira vez no artigo “Velha Praga”, publicado no jornal *Estado de São Paulo*, em novembro de 1914. Reafirmado em *Urupês*, no livro do mesmo nome, de 1918, o roceiro de Lobato tinha perfil humilhante, com conotações de inferioridade racial, características do caipira paulista, mas muitas vezes tomado como símbolo do brasileiro do interior.⁷

O texto causou polêmica, levando outros autores a criar tipos matutos e roceiros com características mais afirmativas: o escritor e político cearense Ildefonso Albano deu vida ao Mané Chique-Chique, contraponto nordestino do caipira paulista, porém cheio de proezas e valentia; Rocha Pombo criou o Jeca Leão e Renato Khel, o Jeca Bravo, recuperado pela higiene e por medidas eugênicas.⁸ Hugo de Carvalho Ramos, com seu *Tropas e boiadas* (1917), também se contrapôs – embora não frontalmente – ao autor paulista, apontando para o sertanejo goiano ligado às atividades criatórias com atributos bastante positivos.

Na segunda edição de *Urupês*, Lobato pediu perdão ao Jeca. O autor, após contato com intelectuais ligados à campanha de saneamento do país, assume a postura de que o caboclo parasitário poderia regenerar-se e transformar-se em fator de renovação do país, desde que programas de saneamento fossem desenvolvidos. O *Jeca Tatuzinho*, de 1924, ensina às crianças noções de saúde e higiene.

O regionalismo do fim do século XIX e início do XX tendeu a enfatizar as reações do homem ao meio ambiente, como propôs Euclides da Cunha, sendo a paisagem muitas vezes tomada como protagonista. Essa relação era mediada por rápidas passagens de caráter social. As influências do naturalismo são retratadas na fatalidade das forças da natureza sobre o homem:

⁷ Sobre o Jeca Tatu e as questões de políticas de saúde no Brasil, ver SANDES, Noé Freire. *Nação, políticas de saúde e identidade: (1920-1960)*. Goiânia: Ed. UFG, 2002.

⁸ LIMA, Nísia Trindade. *Um sertão chamado Brasil: intelectuais e representação geográfica da identidade nacional*. Rio de Janeiro: Revam: IUPERJ, UCAM, 1999. p. 145-147.

[a influência naturalista]conseguiu que a sua proposta se fizesse em dois grandes âmbitos: de um lado, a tragédia coletiva do homem rural, esquecido e relegado pelo governo republicano [...] que gerou a denúncia social em escritores como Hugo de Carvalho Ramos, por exemplo, ou Monteiro Lobato; de outro lado, o reforço no aspecto do mundo épico, da sociedade comunitária e mecânica, matéria pronta e diferenciada da sociedade urbana, que o escritor tinha pela frente e que buscava reproduzir através da formulação dos estereótipos que a narrativa flaubertiana permitia enquanto busca de um universo tornado autônomo.⁹

O regionalismo liga-se a um Brasil em busca de uma identidade enquanto povo, por intermédio de conceitos como raça, etnia, usos, costumes, história. Os estudos do folclore e o nascimento da etnologia também contribuem para a narrativa produzida pelos escritores regionalistas de fins do XIX e da primeira metade do século XX. Como uma das formas do nacionalismo, o regionalismo na literatura, seja romântico, seja realista, voltou-se para pensar a identidade brasileira, na maioria das vezes não como partes isoladas, excludentes, em conflito, mas como reflexão a contribuir para o desvendamento da “alma nacional” mais autêntica.

A percepção do nacionalismo transforma-se com as ideias modernistas: “após a Semana de Arte Moderna, as discussões sobre o nacionalismo passam a ser consideradas a partir de outra perspectiva – de certa forma acultural, primitivista, mítica até – dentro da qual não caberia o regionalismo literário, sumamente etnográfico e realista”.¹⁰Seu melhor exemplo é *Macunaima*, de Mário de Andrade.

A “geração de 30” – Graciliano Ramos, Raquel de Queiroz, José Lins do Rego, Jorge Amado – deu grande impulso ao gênero. Já sob as influências do modernismo, constituíram-se como grupo e construíram representações expressivas dos sertões nordestinos. No contexto mineiro-goiano, são significativos os trabalhos de Mário Palmério e Bernardo Elis, entre as décadas de 40 e 60. Mas, sem dúvida, é com Guimarães Rosa, em *Grande Sertão: veredas*, de 1956, que o sertão brasileiro assume posição central na literatura. Segundo Alfredo Bosi, a grande

⁹ VICENTINI, 1997, op. cit. p. 10-11.

¹⁰ *Ibidem*, p. 64.

novidade dessa obra consistiu numa profunda alteração no modo de enfrentar a palavra, inspirada na musicalidade da fala sertaneja.¹¹ O tema se torna universal, constituindo-se numa epopéia moderna.

Euclides da Cunha e a possibilidade de uma identidade nacional¹²

Para Willi Bolle *Grande sertão: veredas* é uma “reescrita” de *Os sertões*. No sentido de que, com sua obra, Rosa pretendia apontar para a sobrevivência, pós-Canudos, da civilização do sertão. “Densas, contudo, respiravam no sertão as suas pessoas dramáticas, dominando e sofrendo as paragens em que sua estirpe se diferenciou”.¹³ Se o relato de Rosa revela uma visão do chão, da estrada, da “vivência com” – memória e literatura de viagem, a percepção de Euclides é panorâmica, de estranhamento diante do desconhecido.

Homem da cidade, Euclides da Cunha (1866 - 1909) percebe, com base em suas pesquisas e da curta estada em Canudos, um país bipartido, onde a existência de um “outro” desconhecido impedia a unidade imprescindível à construção da nação. A partir da publicação da obra de Euclides (1902), *sertão* se torna categoria essencial para o pensamento social brasileiro. No entanto, tomado por muitos como obra definitiva, de certa forma inibiu a continuidade das reflexões sobre o tema, seja pela literatura, seja pelas ciências sociais.¹⁴

Sendo originário da classe média do interior do estado do Rio, Euclides da Cunha estudou na Politécnica e na Escola Militar do Rio de Janeiro. Sua formação, portanto, incluía o pensamento importado da Europa em meados do século XIX,

¹¹ BOSI, op. cit. p.426-434.

¹² Euclides da Cunha não se insere no grupo dos escritores regionalistas. Entretanto, pelas influências recebidas da literatura desta vertente que o antecedeu, mas, principalmente, pelo status de paradigma que estabeleceu com *Os sertões* e suas relações com o tema tratado neste texto – o das identidades – consideramos importante sua inclusão neste estudo.

¹³ ROSA, apud BOLLE, Willi. **grandesertão.br**. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2004. p. 29.

¹⁴ Os debates sobre *Os sertões* como relato científico ou texto literário foram intensos desde o momento de sua publicação e se estendem até nossos dias. Sobre o tema ver principalmente BERNUCCI, Leopoldo. **A imitação dos sentidos**. São Paulo: EDUSP, 1995 e “A ontologia discursiva de *Os Sertões*” **História, Ciências, Saúde; Manguinhos**, Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 1998, vol 5 – suplemento e LIMA, Luiz Costa. **História. Ficção. Literatura**. São Paulo: Cia. das Letras, 2006.

no qual pontificavam o historicismo, o positivismo, o nacionalismo e o darwinismo. “[...] a recepção das idéias do iluminismo, que inaugura em bases laicizadas o domínio da razão e da igualdade e, refinando-se aposta numa ordem social fundada na neutralidade da técnica e da ciência”¹⁵ Parte da chamada “geração de 1870”, na qual se incluem Silvio Romero, José de Alencar e Afonso Arinos, Euclides absorveu também traços da literatura romântica, o que torna sua escritura atípica em relação aos estudos científicos de sua época. Assim, na medida em que o arcabouço teórico com que lidava se mostrava insuficiente para explicar o que se desvendava diante de seus olhos, o autor incluía em seu texto diversos gêneros literários. Essa opção de escritura também revela o publicista, preocupado com o impacto que desejava causar em seus leitores. E ainda, como lembra Venâncio Filho, no homem do século XIX, sobreviviam superstições e obscurantismos, dados reais observados cotidianamente, parte da psicologia familiar, inclusive no meio urbano, o que possibilitava a Euclides da Cunha certa abertura ao que irá presenciar nos sertões.¹⁶No entanto, o sertanejo recriado por Euclides é muito mais fruto das informações que lhe foram disponibilizadas pela literatura (Alencar, Afonso Arinos) e pela ciência (Darwin, Comte, Taine) do que por uma experiência concreta de participação ou familiaridade.

Na virada do século, o pensamento reinante era o de que a natureza devia ser transformada pelas forças do progresso e da civilização. Engenheiros tinham papel importante nesse processo para se atingir os padrões europeus de civilização. Com esses princípios, Euclides escreveu seus primeiros textos jornalísticos sobre Canudos.

Com o advento da República, o engenheiro participou de inúmeras viagens de serviço, demarcando fronteiras, fazendo levantamentos. Não se enquadrando no perfil do intelectual tradicional, era um homem de ação. Crítico da monarquia e defensor da república, Euclides logo se desiludiria com o novo

¹⁵ VILLAS BÔAS, Gláucia. “Iluminista e romântico: o tempo passado em *Os Sertões* de Euclides da Cunha” *História, Ciências, Saúde; Manguinhos*, Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 1998, vol 5 - suplemento. p. 150.

¹⁶ VENANCIO FILHO, Paulo. “*Os sertões*: atualidade e arcaísmo na representação cultural de um conflito brasileiro”. *História, Ciências, Saúde; Manguinhos*, Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 1998, vol 5 - suplemento. p. 81.

regime. Cedo desistiu da carreira militar, tornando-se engenheiro e jornalista. Após a queda de Floriano Peixoto, percebe, no governo civil, um país dividido entre vitoriosos e vencidos, sem uma opinião pública participativa, onde os princípios democráticos estavam ameaçados pelas constantes quarteladas e estados de sítio.

Em fins do século XIX, o episódio de Canudos fez o Brasil (do litoral) voltar-se para a nova realidade que se expunha diante da nação estupefata. Euclides da Cunha inaugurava a nova forma de tratar a existência do sertão. Para esse autor, o sertanejo, sintetizado em Canudos, representava outra raça, outra sociedade, formada a partir de processos históricos distintos. O sertão do século XX estava atrasado em trezentos anos em relação ao litoral. No entanto, sua gente era arrojada e com grande capacidade de resistência aos reveses: “aquela rude sociedade, incompreendida e olvidada, era o cerne vigoroso da nossa nacionalidade”¹⁷ A partir desta leitura, tornou-se possível pensar o sertão como parte da nação, temporariamente desgarrada, é certo, mas passível de recuperação porque o sertanejo era um retardatário, não um degenerado. Se o litoral, marcado pela mestiçagem entre brancos e negros e influências culturais diversas, apresentava-se irrecuperável do ponto de vista da construção de uma identidade nacional original, no sertão, insulado e fruto da mestiçagem entre índios e brancos, descendentes dos desbravadores paulistas, resguardava-se a cultura brasileira autêntica, pura, genuína.¹⁸ Esboçava-se, em Euclides da Cunha, a redefinição da nacionalidade como produto histórico e não como herança biológica.

Construído a partir de estreita relação com a Terra (Parte I), o Homem (Parte II) sertanejo é forte de espírito e fraco de físico – um Hércules-Quasímodo surgido das adversidades do meio ambiente e do isolamento físico e cultural. Sendo o meio natural indispensável à construção da identidade sertaneja, Canudos só foi possível por seu isolamento. Era um hiato, um parêntesis – mais que um lugar do fim do mundo, era um lugar fora do

¹⁷ VIDAL E SOUZA, Candice. **A pátria geográfica: sertão e litoral no pensamento social brasileiro**. Goiânia: Ed. UFG, 1997. p. 93.

¹⁸ Ideia cara, mais tarde, aos modernistas, principalmente a Mário de Andrade, ácido crítico de *Os sertões* (BERNUCCI, op. cit. p. 62).

mundo. Não existia. Passa a existir pela história, pela obra de Euclides da Cunha. “[...] porque a recordação da tragédia, partilhada pelos brasileiros dispersos em um vasto e desconhecido território, contribui para a formação de sua identidade coletiva”.¹⁹

No texto, a rudeza do ambiente que forjava seus habitantes, é substituída, muitas vezes, pela imagem do *locus amoenus*, terra aprazível que recriava mitos da Antiguidade e da Idade Média, numa idealização do ambiente natural. No entanto, a seca, com suas sequências de mazelas e sofrimento, era inevitável. O tempo é marcado pela lentidão da vida pastoril, pela espera das chuvas, do nascimento do gado, do futuro glorioso expresso nos mitos.²⁰ O ambiente natural e as condições daquela sociedade possibilitaram o surgimento de Antônio Conselheiro, canalizador das inquietações, insatisfações e desejos da população sertaneja. Messias e pai, Conselheiro agregava em torno de si elementos da cultura tradicional: lealdade, dedicação, obediência. Em suas prédicas, o apelo ao maravilhoso rompia com os discursos tradicionais da igreja católica e possibilitava a rebeldia: “O sertanejo simples transmudava-se, penetrando-o, no fanático destemeroso e bruto. Absorvia-o a psicose coletiva. E adotava, ao cabo, o nome até então consagrado aos turbulentos de feira, aos valentões das refregas eleitorais e saqueadores de cidades – *jagunços*”.²¹(EC, p. 320) No entanto, para Euclides, era aí que se poderia encontrar a “rocha viva da nacionalidade”, base sobre a qual se poderia construir o brasileiro do futuro. O crítico Araripe Júnior, já em 1903, apontava o dilema em que se encontravam os intelectuais preocupados com a construção da nação: nos costumes bárbaros estava a fonte interna da legítima nacionalidade; por outro lado, era imperioso nacionalizar esses habitantes dos sertões incivilizados, modificando seus costumes.²²

¹⁹ VILLAS BOAS, op. cit. p. 159.

²⁰ Daí o reviver do mito do sebastianismo entre os sertanejos do Brasil.

²¹ EC, seguida da p. é a referência à obra CUNHA, Euclides. *Os sertões*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002, utilizada neste trabalho. p.320.

²² ABREU, Regina. “O livro que abalou o Brasil: a consagração de *Os sertões* na virada do século”. *História, Ciências, Saúde; Manguinhos*, Rio de Janeiro; Fundação Oswaldo Cruz, 1998, vol 5 – suplemento. p. 107.

Oscilando entre acusador e defensor dos jagunços, Euclides acaba tomando partido: acusa o exército, a igreja, a civilização e o governo da República de extermínio. Aponta o fanatismo dos dois lados, o exército saudando a memória de Floriano Peixoto, cuja imagem os soldados traziam no peito, da mesma forma que os jagunços bradavam símbolos do Conselheiro e de Bom Jesus. A barbárie estaria por toda a parte. Nas últimas linhas, descreve a recepção da destruição de Canudos na cidade de Salvador: “Trouxeram depois para o litoral, onde deliravam multidões em festa, aquele crânio. Que a ciência dissesse a última palavra. Ali estavam, no relevo das circunvoluções expressivas, as linhas essenciais do crime e da loucura...” (EC, p. 588). Em outras palavras, o país que devorava seus próprios filhos, que, ao invés de atraí-los para a civilização, optava por destruí-los, inviabilizava-se como nação. O dilema não se resolvia.

Hugo de Carvalho Ramos e o resgate da identidade sertaneja goiana

O autor goiano (Cidade de Goiás, 1895- Rio de Janeiro, 1921), em sua obra principal, publicada em 1917, apresenta características do regionalismo de fins do século XIX, mas ao mesmo tempo, inova, revelando tendências que se esboçavam no século XX. *Tropas e boiadas* compõe-se de uma série de “causos” colhidos no sertão goiano, que o autor conhecia profundamente.²³ Desde menino, viajava com seu pai pelo interior do estado, onde teve a oportunidade de vivenciar o mundo que irá revelar anos mais tarde, através da literatura. A obra estabelece já no título, o seu universo – o dos vaqueiros e tropeiros – homens que, na lida com o gado, podiam originar uma identidade positiva para o sertanejo goiano. Não o *queijeiro*, o roceiro, associado ao caipira de Lobato, ligado à economia de subsistência, e que apenas sobrevivia, mal podendo se comunicar, sendo menosprezado no mundo urbano. Ao contrário, vaqueiros e tropeiros, habituados ao deslocamento na lida com o gado, às viagens para a venda de mercadorias, apresentam desenvoltura

²³ Este gênero literário expressou-se num primeiro momento pela forma do conto, de que o “causo” é uma variante.

e facilidade no trato. Sua imagem, transmitida através do livro de Carvalho Ramos, é extremamente positiva.

Escrito numa época em que Goiás parecia crescer no cenário nacional após um longo período de letargia (ou decadência, como quer parte da historiografia goiana), o livro reafirma os valores do estado diante da nação: contribuir para o crescimento do país através da exportação de bens primários, principalmente o gado e seus derivados. Não é apenas coincidência que naquele mesmo ano de 1917, uma revista intitulada *Informação Goyana (1917-1935)* passasse a ser publicada no Rio de Janeiro, objetivando divulgar as potencialidades do estado de Goiás. A estrada de ferro fazia pouco tempo adentrara o território goiano (1912). Tornar conhecida a realidade goiana no sudeste do país, centro político e econômico, era também contribuir para a construção de uma identidade nacional a partir das culturas do interior, como já o fizera Euclides da Cunha com *Os sertões*. Contraditoriamente, o livro busca resgatar e divulgar traços de uma cultura ameaçada de extinção diante do progresso que avança. Se os trilhos da estrada de ferro ameaçavam as tropas de muares e seus condutores, o resgate da cultura a preservaria, ao menos enquanto memória. Percebe-se no livro de Hugo de Carvalho Ramos, na preocupação com o resgate da cultura sertaneja goiana, um certo colecionismo tão ao gosto de sua época, principalmente na transcrição das “modas” do sertão, cujas letras são reproduzidas ao longo dos contos, na descrição das festas ligadas à religiosidade popular, no registro de lendas do folclore.

Em *Tropas e boiadas*, as histórias curtas e lineares são narradas por uma terceira pessoa, obviamente originária de outro mundo – urbano e letrado – mas com profunda vivência e conhecimento daquilo que narra. A linguagem mescla fórmulas e vocábulos do falar sertanejo com a linguagem erudita, apontando para o distanciamento entre o narrador e os personagens que o primeiro quer revelar.²⁴

Este mesmo tipo de dialogismo mais tarde, será a ponta de lança do discurso de um dos nossos maiores estilistas da fala sertaneja que foi Graciliano Ramos, a partir de 1930, e, com esse

²⁴ Nesse aspecto, houve pequenas alterações, feitas pelo próprio autor, da primeira para a segunda edição do livro.

recurso, Hugo de Carvalho parece resolver a reprodução da fala sertaneja em seu texto, entre a mimese pura e simples, transcrita e a fala escorreita do escritor.²⁵

Os temas, muitas vezes, retratam o exótico, o bizarro, enfim o “outro”. Descrições de cunho etnográfico dão conta do cotidiano – afazeres, costumes, paisagens, folclore, crenças, valores e superstições. Os males que afligem o sertanejo goiano são atribuídos pelo autor não a fatores ligados à raça ou à natureza, mas às relações de trabalho impostas pelos donos da terra – os coronéis – e pelo descaso dos governos. E nisso o autor se distingue da literatura produzida à época. Ao ultrapassar o naturalismo, Carvalho Ramos insere uma nova perspectiva na percepção do homem do sertão e de seus problemas.

Mas vejamos como o autor construiu a identidade do sertanejo goiano. Dois aspectos perpassam quase todos os contos reunidos em *Tropas e boiadas*: a lentidão do tempo nos chapadões – só interrompida pelas tropelias de um burro desembestado – e a musicalidade do seu povo, que em qualquer momento de descanso ou lazer ou mesmo nas solidões de suas marchas pelo sertão “...saca do pinho companheiro dessas caminhadas no sertão.”(HCR, p. 3).²⁶ A lentidão do tempo é simbolizada pelo passo vagaroso dos animais, no descanso das tropas, no arrastar-se das cobras, na preguiça dos cachorros. As “modas”, os desafios e trovas que permeiam os textos, reafirmam o tempo lento, relaxado e apontam também para o caráter alegre e jocoso da gente do sertão. Gente resistente e orgulhosa, impulsiva: “... saiu do cerrado calcando duro, sobranceiro e altivo, rumo de casa, como um deus selvagem e triunfante...” (HCR, p. 49)

Cioso de sua profissão, “eu era nesse tempo o peão mais afiançado da fazenda. Nas redondezas destes ‘Guaiais’ [...] não havia quem fosse mais maneiro de juntas e seguro nos arreios...” (HCR, p. 41) não aceitava o fracasso em qualquer ação ligada ao trabalho ou ter sua autoridade questionada; estes eram motivos de abandono da lide. Orgulho também de sua virilidade, que se mantinha mesmo na velhice. As hierarquias eram respeitadas,

²⁵ VICENTINI, 1997, op. cit. p.18.

²⁶ HCR, seguida da p. é a referência utilizada neste trabalho para RAMOS, Hugo de Carvalho. *Tropas e boiadas*. 8 ed. Goiânia: Ed. UFG, Fundação Cultural Pedro Ludovico Teixeira, 1997.

seja entre patrões e empregados, seja entre os próprios trabalhadores, por importância do serviço executado ou pela idade. Muitas vezes, deixava-se ficar no mesmo local, em condições econômicas muito adversas, por costume, tradição: “Continuava ali servindo, como tinham servido seu pai e avô, como também viriam a servir filhos e netos, desinteressado no ganho...” (HCR, p. 139)

As grandes distâncias, o isolamento, os caminhos dobrados que encurtam a visão, são outros elementos a se considerar na construção da identidade do sertanejo goiano. Talvez por isto, o sertanejo é solidário, sempre pronto “[...] a dar mão de ajuda àqueles forasteiros” (HCR, p. 11). Mesmo na pobreza, é hospitaleiro e desprendido. Desmistificando a imagem positiva do sertanejo forte e rijo, trabalhador e destemido, aparece também o personagem Zeca Menino “um perdido de pagodeiras e do truque, brigão vezeiro nas redondezas, sujeito que além da garrucha e da besta de sela, só tinha por si essa estampa escorreita de mestiço madraço e preguiçoso!” (HCR, p. 9). Ainda assim, certa positividade se encontra na esperteza do malandro.

O conhecimento é aquele que lhe deu a escola da vida - conhece mezinhas de casa e do mato, sabe identificar a idade de uma cascavel pelo guizo da cauda, sabe das simpatias que garantem o amor da mulher ou a cura do animal de estimação.

Outro aspecto que chama a atenção do leitor é a reprodução, nos “causos”, das superstições do homem do campo, de histórias de fantasmas e assombrações que, no desfecho, acabam por ter uma explicação racional - a questão reside na coragem de enfrentar a “aparição” que o sertanejo certamente tem. Assim, surge a possibilidade de rir-se de si mesmo, do próprio medo e do medo dos que o escutam. No entanto: “Ah, sim, a bruxa [...] Essa, decerto, levou-a a “Cuca” num pé-de-vento, à hora da meia-noite, pela sexta-feira do quarto minguante[...].” (HCR, p. 20)

As festas tradicionais do povo goiano, sejam as profanas, como a catira, sejam as ligadas ao catolicismo rústico, como a festa do Divino, onde impera a fartura de bebida - cachaça e licores - e de comida, são momentos de expressão da afetividade de amores platônicos a paixões que desencadeiam a violência. Neste aspecto, o sertanejo aparece, em Hugo de Carvalho

Ramos, com valores próprios: matar para vingar a honra ferida ou mesmo um índio velho e trêmulo não são motivos para remorsos (HCR, p. 27). No entanto, espancar um homem amarrado, sem defesa, mesmo que por ordem do Coronel, “lhes parecia fora de todos os preceitos da lei humana[...]” (HCR, p. 135). A mentira, a dúvida com relação à palavra dita, são ofensas graves.

A mulher do sertão é identificada ora com a cabocla sestra “arteira e artificiosa em seus gestos provocativos à sensualidade dos rapagões” (HCR, p. 14), ora com amulher trabalhadeira e virtuosa. As primeiras são as amantes, donas de vendas e paragens à beira da estrada, onde os homens se aliviam das canseiras diárias. Quando descendentes de escravos elas sabem “deitar e tirar quebranto” (HCR, p. 52). As segundas são filhas e esposas, que organizam o lar e as atividades miúdas do dia-a-dia. Quando da elite, dominam a arte do bordado e tem acesso a alguma leitura, que lhes enche a cabeça de imaginação. As jovens são puras e sonhadoras. Reproduzindo uma imagem criada por Saint Hilaire quase cem anos antes²⁷, Hugo de Carvalho Ramos retrata as mulheres seguindo para a missa da madrugada, levando seus filhos pela mão. Seu catolicismo é mais romanizado, mais próximo dos padres e da Igreja que o dos homens, que se deixam levar com mais facilidade pelas credences quando, por exemplo, desfiam o “ ‘creio-em-deus-padre’ de trás para diante mais uma vez”. (HCR, p. 39)

As crianças em geral são tristes, doentias, com barrigas inchadas pelo hábito de comer terra: “[...] três meninas rechonchudas e bisonhas, e um par de pequenotes atarracados, d’olho esbugalhado e triste, a barriga a impar sob a correia da cinta [...]” (HCR, p. 86). Força, beleza e valentia são reservados aos jovens, adultos e mesmo velhos, sem que a transição seja explicada.

A imagem do sertanejo goiano construída por Hugo de Carvalho Ramos é, no geral, muito afirmativa e coaduna-se com os interesses do estado no momento da escrita do texto e com o estágio por que passava a literatura brasileira naquele momen-

²⁷ Auguste de Saint Hilaire, naturalista francês, passou por Goiás em 1819, tendo deixado as experiências registradas em seu relatório de viagem. Cf. SAINT HILAIRE, Auguste de. **Viagem à província de Goiás**. São Paulo: Ed. da USP, Belo Horizonte: Itatiaia, 1975.

to. No entanto, inova ao denunciar as causas econômicas e as relações sociais e políticas como responsáveis pela situação de atraso que o estado ainda vivia.²⁸

Guimarães Rosa e o sertanejo universal

Concebido como memória e literatura de viagem (1956) *Grande sertão: veredas* é, para muitos autores, o marco de maturidade da literatura brasileira – esta não se apresentava mais em estágio de *formação*, mas se mostrava pronta, acabada. Com Rosa, o sertão brasileiro assume posição central na literatura. Superando a idealização romântica de um sertão de valores, tradições e paisagens intocadas, o sertão de Rosa dialoga com o processo de modernização tardia que se tentava implantar no país. Sertão se configura como zona fronteira, entre-lugar onde culturas diversas entram em contato a partir do movimento constante de seus habitantes.

Em meados do século XX a política desenvolvimentista, associada ao moderno, é assumida pelo Estado brasileiro. A Era JK estabeleceu a modernização como meta, buscando a unidade nacional em torno do projeto das elites urbanas – as transformações no país atingiam a economia, as artes e o imaginário nacional. Brasília era o grande símbolo dos novos tempos, ocupando um espaço antes “vazio” e que aglutinaria a nação, redefinindo sua identidade. Não mais um país essencialmente rural, dependente, arcaico, mas um país urbano, industrializado, moderno. Menezes lembra-nos, entretanto, que “a ideia de modernização viaja mais rapidamente e não entra em consonância com o processo de modernização”.²⁹ A modernização tardia se faz lentamente, mesclando áreas em que o processo é mais intenso com outras onde suas reverberações são apenas pressentidas. Este quadro aponta para especificidades na configuração identitária do Brasil (e na América Latina) onde tradição e modernidade se cruzam. Um olhar atento apontará para as

²⁸ E viveria ainda por longo tempo. Na década de 1930, marco na história política e econômica de Goiás, com a construção de Goiânia e a mudança da capital, o estado só não era mais pobre que o Piauí, entre os estados da federação.

²⁹ MENEZES, Roniere. **O traço, a letra e a bossa**: literatura e diplomacia em Cabral, Rosa e Vinícius. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011. p. 32.

frestas, para configurações particulares na construção de uma identidade que se ancora ora na tradição, ora na modernidade, particularmente entre os grupos sociais que se deslocavam nas franjas do sistema.

Em *Grande sertão*, Rosa recria a musicalidade da fala sertaneja, ao dar o protagonismo a Riobaldo, eclipsando-se num interlocutor que nada diz. No entanto, como ressalta Menezes, em nenhum momento o autor pretende falar “de dentro”: [...] cria espaços do ‘fora’, onde podem ressoar vozes do ‘dentro’.³⁰ Usando suas memórias da infância e da adolescência e mais tarde como médico no interior da região que escolheu para retratar, o autor também lança mão de suas experiências e vivências urbanas, nacionais e internacionais, adquiridas em seu ofício de diplomata. É desse diálogo que surgem novas construções, novas percepções das relações entre urbano/rural, centro/periferia, tradição/modernidade. Escolhendo retratar comunidades que estão à margem do projeto desenvolvimentista, Rosa denuncia o discurso hegemônico do Estado. São buscadas, na densa obra, algumas passagens que revelam a identidade sertaneja no protagonista de *Grande sertão: veredas*.

O sertanejo que surge da leitura da obra é particularmente corajoso ou forte, atrasado ou incivilizado. É homem frágil, mas tenaz na sua resistência aos braços disciplinadores do Estado. Como ensina Menezes:

[...] notamos a descrição de um sertão que não é apenas lugar do abandono, da morte, da ingerência, da violência, nem somente o espaço de causos e de cantigas que devem ser retomados e recriados pela lente do artista intelectual urbano. O sertão aparece como espaço de vida própria, onde existem descaso, disputa, empreendimento e planejamento. Cria, produz, negocia, interage. Há no sertanejo preconceitos e visão de mundo limitada, mas também comunicação e rapidez de raciocínio, misturas de diversos saberes[...]³¹

Identidades em constante transformação, virtuais, abertas a novas influências, alteradas pela chegada de objetos e signos da modernidade, criando novas formas de ver e vivenciar o mundo. Na fala de Riobaldo Tatarana: “Mire veja: o mais im-

³⁰ Ibidem, p. 35.

³¹ Ibidem, p. 49.

portante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando.” (GR, p. 19)³²A insegurança, o medo, a instabilidade da situação de entre-lugar também são expressos pelo personagem: “Assaz o senhor sabe: a gente quer passar um rio a nado, e passa; mais vai dar na outra banda que é um ponto muito mais embaixo, bem diverso do em que primeiro se pensou. Viver nem não é muito perigoso?”. (GR, p. 28)

Riobaldo é letrado, tendo exercido mesmo a função de professor. Não de mestre de crianças ou necessitados, mas professor particular de um dos donos do poder. É ele quem conta: “Não é que eu esteja analfabeto. Soletrei, anos e meio, meante cartilha, memória e palmatória. Tive mestre, mestre Lucas, no Currálinho, decorei gramática, as operações, regra-de-três, até geografia e estudo pátrio.” (GR, p. 12). No fim da vida, postado às margens do rio São Francisco, Tatarana possui elementos da cultura erudita e da vivência no sertão que o possibilitam comentar o curso da História e tentar explicar o suceder dos acontecimentos – a “matéria vertente”. História que recria os excluídos, os marginais, os despossuídos em sua marcha inexorável – mas não linear – e que o discurso da modernidade tentava ocultar. Diz Riobaldo: “A esses muitos desertos, com gentinha pobrejando. Mas o sertão está movimentante todo-tempo – salvo que o senhor não vê...” (GR, p. 396). A necessidade de compreensão das transformações é clara para o narrador: “Porque a cabeça da gente é uma só, e as coisas que há e que estão para haver são demais de muitas, muito maiores diferentes e a gente tem de necessitar de aumentar a cabeça, para o total” (GR, p. 239). Mas essa percepção, a necessidade de pensar, de explicar, não se dá sem sofrimento: “porque era que eu também não podia ser assim, como o Jõe? Porque veja o senhor o que eu vi: para o Jõe Bexiguento, no sentir da natureza dele, não reinava mistura nenhuma neste mundo – as coisas eram bem divididas, separadas.” (GR, p. 170). Ou seja, entre os sertanejos, o cotidiano simples onde “as pessoas se ensinam e aprendem no correr

³² GR, seguida da p. será a referência a ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. São Paulo: Circulo do Livro S.A., 1984, utilizada neste estudo. As escolhas de trechos do livro são aleatórias e muitas outras poderiam ser incluídas, reafirmando a identidade do sertanejo construída pelo autor.

da vida” também constitui um traço identitário.³³

Medo e enfrentamento das dificuldades são expressos: “Que é que diz o farfal das folhas? Estes gerais enormes, em ventos, danando em raios, e fúria, o armar do trovão, as feias onças. **O sertão tem medo de tudo.**” (GR, p. 240) [grifo nosso]. O sertão humanizado, infinito, que sente como gente, está dentro das pessoas – por isso tem medo, como os homens. O sertão é gente, mas também vira tigre, se o tentam domesticar: “Mas o sertão era, para, aos poucos e poucos, se ir obedecendo a ele; não era para à força se compor. Todos que malmontam no sertão só alcançam de reger a rédea por uns trechos; que sorrateiro o sertão vai virando tigre debaixo da sela.” (GR, p. 287). Identificação e respeito compõem a relação homem-natureza no sertão.

Sobre a religiosidade, Riobaldo reafirma as tradições: Deus é que salva o homem da loucura! “Hem? Hem? O que mais penso, testo e explico: todo-o-mundo é louco. O senhor, eu, nós, as pessoas todas. Por isso é que se carece principalmente de religião: para se desendoidecer, desdoidar. Reza é que sara a loucura [...] Muita religião, seu moço!” (GR, p. 13). Para o sertanejo, a eficácia simbólica está no rito, nas rezas, missas, procissões. Mas a vida – travessia – é a passagem do inferno ao céu, na melhor tradição agostiniana: “A gente viemos do inferno – nós todos – compadre meu Quelemém instrui. Duns lugares inferiores, tão monstro-medonhos, que Cristo mesmo lá só conseguiu aprofundar por um relance a graça de sua sustância alumiável, em as trevas de véspera para o Terceiro Dia” (GR, p. 38). E mais adiante: “Um está sempre no escuro, só no último derradeiro é que clareiam a sala. Digo: o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia.” (GR, p. 50) Saindo das profundezas do inferno, o destino inexorável do homem – todos os homens – é chegar, ao final da jornada, ao Céu perfeito, morada de seres em sua máxima perfeição. Por esta razão o diabo, o Capiroto, o Cujo, está sempre por perto e com ele o homem pactua: “E o dito – o Coxo – toma espécie, se forma! [...] Se assina o pacto. Se assina com sangue de pessoa. O pagar é a alma”. (GR, p. 38) A caminhada – única realidade – é possibilidade de purificação. Ao final, recobra-se a unidade

³³ BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Memória/Sertão**. São Paulo: Ed. Cone Sul/Ed. UNIUBE, 1998. p. 134.

essencial, “a gente vive, eu acho, émesmo para se desiludir e desmisturar” (GR, p. 113). Percebe-se aqui, na tradução rosiana da visão de mundo sertaneja, um otimismo fundamental quanto ao destino de toda a humanidade, a crença na redenção final.

Ao contrário do que se poderia esperar de um sertanejo embrutecido pelo áspero meio ambiente e pelas guerras, o discurso de Tatarana é entremeado de afetividade. O que o faz recordar é a saudade: saudade de outros tempos – que ele revive ao narrar – saudade de Diadorim. Em diversas passagens, Riobaldo e Diadorim se deixam levar pelas amenidades do sertão, renascido após as chuvas: pássaros, águas, cheiros. Como comenta Brandão: “[o devaneio] ... é bom, um bem da alma, porque, além do prazer de vivê-lo em seu presente repentino, entretece, como uma amorosa tecedeira, o tecido multicolor do fio das boas lembranças. Ele une o elo de momentos de puro deslumbramento, de uma contemplação encantada.”³⁴ Em outros momentos, não dizer do amor que sente pelo companheiro é quase impossível: “Ah, ânsia: que eu não queria o que decerto queria, e que podia se surtir de repente... E a vontade de fim, que me ora vinha ranger na boca, me levou num avanço.” (GR, p. 50). Amor e ódio são as duas faces da mesma moeda: o ódio de Diadorim e o amor de Tatarana. “Só se pode viver perto de outro, e conhecer outra pessoa, sem perigo de ódio, se a gente tem amor. Qualquer amor já é um pouquinho de saúde, um descanso na loucura. Deus é que me sabe.” (GR, p. 239) O amor e a religião salvam da loucura.

A alegria se desenha na paisagem sertaneja “Sertão foi feito é para ser sempre assim: alegrias! (GR, p. 384) e mesmo na compreensão de Deus, não como vingador mas como aquele, que ao fim e ao cabo possibilita a paz final: “Mas eu hoje em dia acho que Deus é alegria e coragem – que Ele é bondade adiante, quero dizer.” (GR, p. 240)

Impetuosidade, agir sem pensar, outra característica dos que atravessam o rio sem olhar as margens. Elemento talvez ligado ao fatalismo, à crença numa sina, no destino inexorável: “Era assim: eu ia indo, cumprindo ordens; tinha de chegar num lugar, aperrar as armas; acontecia o seguinte, o que viesse vinha; tudo não é sina?”. (GR, p. 157) Como lembra Brandão o

³⁴ BRANDÃO, op. cit. p. 110-111.

sertanejo é duplamente mandado: por alguém, de quem cumpre ordens e pela inexorabilidade do destino.³⁵ Duas determinações das quais não pode escapar.

Perceber, sentir a natureza, viver em comunhão com ela faz parte do ethos sertanejo. Carlos Rodrigues Brandão observa: “A alma do mundo natural fia os seus ruídos, as suas mensagens [...] A natureza está sempre aberta ao diálogo e o que ela faz ouvir – sons, pios, ruídos de água, vento, silêncios – seguidamente diz algo, mesmo quando – e é sempre – ela não fala.”³⁶

O rememorar de Riobaldo, em busca de respostas para suas indagações, funda uma identidade de grupo, o “nós” – uma identidade heróica, partilhada com aquelesque, com ele, vivenciaram os fatos narrados. Mesmo tecendo críticas a seus companheiros, é entre eles que o jagunço busca conforto: “No que vim para um grupo de companheiros, esses estavam jogando buzo, enchendo folga. Por simples que a companheirada naqueles derradeiros tempos me caceteava com um enjão, todos eu achava muito ignorantes, grosseiros cabras. Somente que na hora eu queria a frouxa presença deles[...]”. (GR, p. 49) A identidade grupal é tão forte que cada um só se compreende na relação com os outros: “Estavam escutando sem entender, estavam ouvindo missa. Um por si, de nada não sabia; mas a montoeira deles, exata, soubesse tudo.” (GR, p. 200)

Em busca de sua identidade pessoal, Riobaldo descobriu ser filho de seu “padrinho” Selorico Mendes – reafirmação da tradição dos filhos naturais educados por seus “padrinhos” – e que o Diabo não existe – o que há é homem humano – travessia – dessacralizando o pensamento religioso, numa dimensão dada pelo racionalismo moderno. Em sua narrativa, o velho sertanejo desvenda traços identitários de seu grupo e revela, em meados do século XX, um Brasil que o discurso hegemônico do desenvolvimentismo parecia querer ocultar.

³⁵ *Ibidem*, p. 133.

³⁶ *Ibidem*, p. 131.

Considerações finais

O estudo realizado reafirma a importância da literatura para o enriquecimento da interpretação histórica. Por intermédio das obras dos três autores estudados pelo viés do tema das identidades, é possível apontar para algumas conclusões, tomando-se as duas dimensões temporais com que uma obra literária deve ser analisada – o tempo interno do texto e o tempo externo da sua produção.

Euclides da Cunha, fluminense preocupado com as questões mais candentes vividas pelo país no fim do século XIX – a República e depois a Guerra de Canudos – foi buscar nos sertões a confirmação daquilo que as teorias científicas do século XIX lhe haviam repassado – que o sertão incivilizado, inculto, bárbaro deveria ser civilizado pelo litoral, morada do progresso e da ciência. O sertanejo com quem se deparou foi descrito como rude e forte, Hércules-Quasímodo que construía seu modo de vida em estreita sintonia com o meio ambiente. Sua existência só foi possibilitada pelo isolamento em que, por mais de três séculos, manteve-se em relação às outras partes da nação. No entanto, foi entre estes homens rudes que Euclides pensou encontrar o cerne da nacionalidade brasileira. A dicotomia litoral-sertão, se superada – com a vitória da civilização sobre a barbárie como exigia a unidade da nação – colocava em risco a sobrevivência desta cultura. O dilema não se resolveu, com a constatação por Euclides de que a barbárie estava em toda a parte. A questão da identidade nacional continuava em aberto.

Escrevendo poucos anos mais tarde, o goiano Hugo de Carvalho Ramos coloca-se no debate sobre a identidade nacional por outro prisma – o da inserção das culturas particulares, sertanejas, pouco conhecidas nos centros econômicos e de poder do país, como elemento formativo do que poderia vir a ser uma identidade nacional. Assim, busca divulgar o que conhecia bem: a cultura dos sertões de Goiás, particularmente naquilo que considera mais positivo, aquela que se formou em torno da atividade criatória e do transporte de mercadorias em lombo de burros – o tropeirismo. Ao mesmo tempo, com seu texto, Carvalho Ramos busca contribuir para dar visibilidade ao seu estado e suas potencialidades, identificando o atraso que ainda marcava sua vida econômica, política, social e cultural na ação

dos donos do poder, o coronéis, e na indiferença dos governos. Se o estado não se projetava no concerto dos demais estados da nação, como sua cultura poderia integrar-se a uma identidade nacional? O sertanejo descrito pelo autor é esperto, altivo, capaz de rir de si mesmo e de suas crendices – muito longe do Jeca Tatu de Lobato, que, na mesma época, começava a se difundir como o protótipo do homem do interior.

Finalmente, num contexto bastante diferente em termos do momento de produção da obra, Guimarães Rosa vai buscar no sertão mineiro a universalidade do pensamento humano. O Brasil vivia o desenvolvimentismo de JK e o discurso hegemônico parecia “esquecer” a cultura do interior, tudo aquilo que se passava ao largo da proposta de modernização do país. Através do sertanejo Riobaldo, o autor volta-se para as questões mais candentes que afligem a alma humana: Quem sou? Para onde vou? As reflexões do velho jagunço despertam seus leitores para a cultura que subsistia nas franjas do desenvolvimento capitalista, para uma identidade ao mesmo tempo local e universal. Rosa não está mais em busca de uma originalidade identitária, de pureza, de autenticidade da cultura nacional que lhe daria caráter único. Em meados do século XX, essas concepções já caíam por terra. Identidades passam a ser entendidas como relacionais, virtuais, híbridas, a um tempo rurais e urbanas, tradicionais e modernas. São constituídas no processo mesmo da vida – travessia.

Resumo: o artigo discute, a partir de três obras literárias - *Os sertões*, de Euclides da Cunha, *Tropas e boiadas*, de Hugo de Carvalho Ramos e *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa - a identidade do sertanejo esboçada por seus autores. Aponta para essas construções identitárias inseridas nas preocupações dos intelectuais/escritores referidas nos tempos históricos da escritura das obras. Assim, para Euclides da Cunha, revelar a existência do sertão e do sertanejo para o litoral/civilização, gerava a grande indagação sobre a identidade nacional já que a nação, que deixava para trás o Império e se lançava numa possibilidade de transformação com a República, ainda não havia conseguido identificar de que matéria era feita a ‘alma nacional’. Já o escritor goiano Carvalho Ramos buscou resgatar elementos da cultura ligada à pecuária de seu estado no momento em que divulgou Goiás na

capital federal significava tentar inserir o estado no concerto da nação. Guimarães Rosa, por seu turno, vivenciando em meados do século XX a dominância do discurso desenvolvimentista da era JK, chama a atenção do Brasil e do mundo para a sobrevivência da cultura sertaneja, ao mesmo tempo indicando seu grau de universalidade.

Palavras-chave: Sertão. Identidade. Literatura Regionalista.

Abstract: This article discusses the “sertanejo” identity in three literary works: *Os sertões*, by Euclides da Cunha, *Tropas e boiadas*, by Hugo de Carvalho Ramos, and *Grande sertão: veredas*, by Guimarães Rosa. The identity sketched by these authors reflected their preoccupations and the respective historical periods in which the books were written. In the case of Euclides da Cunha, by revealing the “sertão” (that is, the Brazilian hinterland) and the “sertanejo” culture to the dominant coastal civilization, he brought forward the question of national identity. Brazil, at the time, was leaving the Imperial regimen behind and was looking forward to the Republic as a possibility of transformation. The nation, however, was still not able to identify what exactly composed the “national soul”. Carvalho Ramos, on the other hand, tried to rescue elements of the cattle raising culture in the state of Goiás, located in the inland of Brazil. At that moment, presenting this particular culture was an attempt to include the state of Goiás in the national context. Finally, Guimarães Rosa, writing in mid-20th century, when the developmental philosophy of President Juscelino Kubitschek’s term (known in Brazil as the “JK era”) was predominant, calls attention to the survival of the “sertanejo” culture, while at the same time indicating its degree of universalism.

Keywords: Sertão. Identity. Regional Literature.

Artigo recebido em 16/01/2012

Artigo aprovado para publicação em 10/04/2012